

ENTREVISTA



Gustavo Barbosa, diretor geral da Serrabetume Engenharia

TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO PESADA

O diretor geral da Serrabetume Engenharia, Gustavo Barbosa, tem convicção que a tecnologia na construção pesada é um caminho sem volta. O executivo destaca não só os benefícios da inovação, mas também alguns dos paradigmas existentes na realidade brasileira.

Com quase 30 anos de existência, a construtora Serrabetume Engenharia possui forte atuação nas áreas de pavimentação, terraplenagem, conservação e manutenção de pavimentos, além de obras de infraestrutura em geral.

Com o mindset de inovação e atenta às tendências do mercado de construção, a empresa capixaba se associou ao hub de inovação da engenharia e construção **Base27**, cujo objetivo principal é buscar soluções e práticas inovadoras para o desenvolvimento do setor no Espírito Santo.

Há 15 anos, Gustavo Barbosa, engenheiro civil formado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e pós-graduado em Finanças, controladoria e auditoria pela FGV, atua no segmento de construção pesada, ocupando atualmente o cargo de diretor geral na construtora então sediada em Serra no Espírito Santo.

Com uma visão equilibrada entre realidade e inovação no contexto brasileiro, Gustavo apresenta aspectos importantes para a inserção de tecnologia no setor da construção pesada no Brasil.

Veja a seguir alguns trechos da entrevista.

MOBA do Brasil - Como você vê a aplicação de tecnologia em obras de construção pesada no Brasil?

Gustavo Barbosa - Quando o assunto é tecnologia, eu falo para você que é um caminho sem volta. Mas eu gostaria de chamar a atenção para a palavra “Brasil”, pois ela impacta muito nessa pergunta.

Os grandes contratantes querem pagar o mais barato possível, então a questão toda se resume em preço. Na minha opinião a tecnologia é um negócio que faz você gastar menos ou correr menos riscos.

Quando a gente adquiriu o MOBA, vimos que com a tecnologia garantiríamos os índices de regularidade previstos em contrato. Simples assim! É um investimento alto, mas que reduz o risco contratual. Muito Bacana!

A concessionária não me remunera a mais por usar tecnologia, porém ela traz retorno e diferencial competitivo.

MB - Qual a sua opinião sobre o impacto cultural na implantação de tecnologia nas obras brasileiras?

GB - Eu te falo que para adotar novas tecnologias, eu preciso preparar o meu time, para que essa adoção mude, não apenas a forma de trabalhar, mas também de pensar.

Para que as tecnologias sejam realmente efetivas e tragam resultados, o operador precisa enxergar valor, e isso é um desafio por conta da quantidade de gente e da baixa escolaridade presente nos canteiros de obras.



Os grandes contratantes querem pagar o mais barato possível, então a questão toda se resume em preço. Na minha opinião a tecnologia é um negócio que faz você gastar menos ou correr menos riscos.



Obra de pavimentação no Espírito Santo
Foto: arquivo MOBA

Então quando você pergunta qual é o impacto, eu vejo mais como desafio: como transformar tecnologia em resultado.

Além disso, você também tem que cumprir o desafio do contratante. Eu estou aqui para empreitar! Quem tem a dor é o contratante (no caso de rodovias concessionadas, a concessionária). É ele quem precisa garantir os índices de qualidade propostos no contrato de concessão.

MB - Como você vê a atuação de empresas de tecnologia no segmento de construção pesada no Brasil?

GB - O segmento de construção pesada no Brasil tem um caminho gigantesco para trilhar, porque nós fazemos da mesma forma sempre. Qualquer inovação, quanto mais em infraestrutura, pode trazer ganhos em escala.

A partir do momento em que eu coloco, por exemplo, um sistema de compactação no meu rolo, e ele é aceito como controle principal de qualidade pelo contratante, eu não preciso ficar parando a operação para esperar o laboratório medir. Olha o tamanho desse ganho!

Eu acho que as empresas de tecnologia para setor de construção pesada no Brasil são um pouco tímidas. Eu sou curioso, vejo muitas tecnologias no exterior, coisas acontecendo há muitos anos, muitas mudanças, ou até coisas deixando de acontecer e aqui, no que diz respeito à tecnologia, ainda estamos na década de 70. É claro que tem o problema do câmbio, que faz com que o preço suba consideravelmente e como não temos obras em grandes escalas, fica difícil para você pagar.

Uma vez uma empresa me apresentou um monte de tecnologia para equipamentos de linha amarela. Quando fui orçar, não tinha condição de pagar!

Entendo que alguns segmentos funcionam assim: Você sabe fazer? - Sei. Quanto? - Tanto. Então vem cá! Agora, virar para o empreiteiro e falar: opere remotamente o seu equipamento por tanto. Às vezes é melhor deixar como está!

”

Eu acredito que o setor de engenharia nos próximos anos vai voltar ao seu melhor momento.

Eu trabalho e confio nisso!

”

MB - Como você vê o cenário atual do segmento de construção pesada no Brasil?

GB - Eu acredito que a construção pesada sofreu muito com a Lava Jato. De toda forma, eu acho que o mercado acaba se regulando com a oferta e demanda.

Tivemos um problema de oferta muito grave por causa das crises, e era prometido para este ano uma melhora na oferta de obra. Isso melhoraria preço, resultado, e até a busca por novas tecnologias.

Se tiver obra rodando, você contrata mais pessoas e adere mais à tecnologia. Do jeito que estava indo, não tinha como inovar. Estávamos amarrados, lutando para sobreviver! O setor tem que ser impulsionado como um todo, aí tudo volta. É um ciclo!

No caso do Brasil, uma coisa que já possuímos é a necessidade. Necessidade de obra de infraestrutura nós temos de sobra. O problema é a burocracia! Isso acaba desanimando um pouco também.

De toda forma, eu acredito que o setor de engenharia nos próximos anos vai voltar ao seu melhor momento. Eu trabalho e confio nisso!